

Onde está a LIBRAS? Uma reflexão sobre a Língua Brasileira de Sinais no cenário da Linguística Aplicada Brasileira

Where is Brazilian Sign Language? A reflection about LIBRAS in the context of Brazilian Applied Linguistics

Isabelle de Araujo Lima e Souza*
Ana Maria Ferreira Barcelos**

RESUMO: O presente artigo visa refletir acerca da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) dentro da Linguística Aplicada no Brasil, através de um mapeamento dos artigos acadêmicos produzidos a respeito dessa língua entre os anos de 2009 a 2014, no intuito de identificar o foco de possíveis trabalhos realizados sobre esse tema. Para isso, realizamos uma pesquisa documental nos periódicos disponíveis no portal da CAPES. Os artigos foram categorizados de acordo com eixos temáticos e foi feita uma correlação desses com as áreas temáticas do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). Os resultados auxiliam na reflexão acerca da LIBRAS como área de pesquisa, seu desenvolvimento nos últimos cinco anos e os principais desafios para o futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística Aplicada. Ensino e aprendizagem de línguas. LIBRAS.

ABSTRACT: This paper aims at reflecting about Brazilian Sign Language (LIBRAS) within the field of Applied Linguistics in Brazil, by mapping out papers published between 2009 and 2014 in which LIBRAS was the focus. To achieve this aim, we searched for papers at the CAPES site for Brazilian journals. The papers were categorized according to the thematic areas of the Applied Linguistic Brazilian Congress (CBLA). The results help us understand LIBRAS as an area of research, how it has developed during the last five years and what the future challenges are.

KEYWORDS: Applied Linguistics. Language learning and teaching. Brazilian Sign Language (LIBRAS).

1. Introdução

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, reconhece a LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais como a língua materna dos surdos e a segunda língua oficial do Brasil. Além de reconhecerem o bilinguismo como proposta norteadora da educação de surdos, Cavalcanti e Silva (2007) ressaltam esse fato como uma importante conquista para as comunidades surdas.

* Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

** Doutora em Teaching English As a Second Language - The University Of Alabama (2000) e pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade de Carleton, Ottawa, Canada (2009). Atualmente é professora Associada IV da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Alguns marcos foram importantes para o reconhecimento da LIBRAS no Brasil. Em primeiro lugar, o Decreto 5.626, promulgado em 2005, que regulamenta a referida lei, instituiu a obrigatoriedade da disciplina LIBRAS no ensino superior, fazendo com que as universidades e as instituições de ensino se posicionassem. A partir disso, os debates acerca da temática começaram a ser fomentados. Em segundo lugar, a criação do curso de Letras/LIBRAS em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o qual partiu de um esforço da comunidade de surdos e de pesquisadores da área, que tinham como intuito diminuir as diferenças regionais e culturais da língua (GEDIEL, 2010). Essa graduação começou como modalidade de Ensino a Distância (EAD), em parceria com diversas instituições de ensino (IES), e tinha como foco os aspectos linguísticos e gramaticais da LIBRAS.

O reconhecimento da LIBRAS como uma língua natural surda ainda não é claro para todos, de forma que existem duas abordagens acerca da surdez: uma pautada na visão clínica e a outra que segue a perspectiva socioantropológica. A primeira compreende a surdez como uma patologia do corpo e a língua de sinais como uma forma primitiva de comunicação; já a visão socioantropológica acredita que a diferença biológica garante uma variação linguística e cultural própria dos surdos (DINIZ, 2009). Estudos linguísticos demonstram que LIBRAS é uma língua de modalidade espacial visual, que possui uma estrutura linguística e gramatical própria, diferente das línguas orais auditivas. A LIBRAS é composta por sinais que correspondem às palavras, que não são uma representação do português, e nem gestos ou mímicas (GESSER, 2009; GEDIEL, 2010).

As questões em torno da LIBRAS e da surdez têm permeado diversas áreas do conhecimento como: Educação, Saúde e Antropologia. Sabendo-se disto, procuramos investigar se a LIBRAS tem sido estudada pela Linguística Aplicada (LA) no Brasil. Em caso afirmativo, procuramos identificar como esse debate é abordado pela LA, qual o foco dado a essa discussão pelos profissionais que estudam a linguagem em seus diferentes contextos sociais.

Este trabalho foi inspirado na pesquisa desenvolvida por Menezes, Silva e Gomes (2009) que fizeram um levantamento dos trabalhos em revistas nacionais e internacionais, bem como aqueles apresentados nos últimos congressos da AILA (Associação Internacional de Linguística Aplicada) e da ALAB (*Associação de Linguística Aplicada do Brasil*), a fim de compreenderem os caminhos teóricos e metodológicos adotados pela LA no Brasil. Assim, buscamos periódicos classificados pela CAPES como pertencentes às áreas de Linguística,

Letras e Artes. Com base em uma triagem feita no portal CAPES, identificamos revistas em LA que tinham como foco e escopo a linguagem e seus diversos aspectos.

Este artigo está organizado em quatro seções, a saber. Na primeira, traçamos um breve histórico da LA. Na segunda, discutimos acerca da LA no século XXI. Na terceira, explicamos os passos seguidos para a revisão dos trabalhos analisados. Por fim, analisamos os dados, comparando as temáticas dos resumos com os grupos de trabalho do CBLA (Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada), a fim de percebermos quais as relações existentes entre as pesquisas na área de LIBRAS e as atuais produções na área de LA, no Brasil.

2. Linguística Aplicada: da gênese aos períodos atuais

A LA é uma ciência ainda recente, que teve sua gênese na década de 40 do século XX, nos Estados Unidos, como ressaltam Celani (1992) e Soares (2008). A LA surgiu como uma aplicação da linguística tradicional: caberia a ela desenvolver métodos e metodologias voltados ao ensino/aprendizagem de línguas. A LA era tida como uma mediadora entre a linguística e a maioria das atividades intelectuais (CELANI, 1992).

De acordo com Szundy e Nicolaidés (2013), a LA no Brasil, de forma semelhante ao que aconteceu no resto do mundo, começou com foco no ensino e aprendizagem de línguas e, inicialmente, estava atrelada à Linguística, na medida em que aplicava as teorias linguísticas ao ensino e aprendizagem de línguas. Aqui, a LA teve “sua primeira casa no Centro de Linguística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi, fundado por Francisco Gomes de Mattos, na sede do Instituto em São Paulo, no ano de 1966” (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013, p.19). Em 1970, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) fundou o primeiro programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, o qual teve como foco o ensino de línguas. Posteriormente, a Universidade de Campinas criou o departamento de Linguística Aplicada, vinculado ao Instituto de Estudos da Linguagem.

No final da década de 80 e meados dos anos 90, a LA começou a (re)definir sua agenda e passou a reivindicar uma identidade própria e autônoma. Por meio de congressos promovidos pela ALAB, que tinham um espaço para a formação política dos profissionais, para a discussão da agenda da LA no Brasil e para a construção da identidade da área, reconheceu-se que a LA tem caráter transdisciplinar e é uma área autônoma, a qual pesquisa os usos sociais da linguagem (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013). A definição do objeto de estudo da LA bem

como os seus campos de atuação foram alvos de discussão entre os especialistas da área e sofreram transformações desde as suas origens.

Celani (1992) e Soares (2008) definem LA como a ciência que visa compreender a linguagem humana em diferentes situações e esferas sociais:

A Linguística Aplicada tem muito a oferecer a todos aqueles pesquisadores que se interessam por auxiliar o homem a compreender melhor como ele constrói o seu conhecimento linguístico e, por conseguinte, como ele cria e expressa a sua identidade no mundo e nas suas relações sociais, através do uso da linguagem em todos os contextos. (SOARES, 2008, p.21)

Podemos afirmar que não há atividade humana na qual o linguista aplicado não tenha um papel a desempenhar. Por estarem diretamente empenhados na solução de problemas humanos que derivam dos vários usos da linguagem, os linguistas aplicados estão envolvidos em trabalhos que têm uma dimensão essencialmente dinâmica. (CELANI, 1992, p.21)

Soares (2008) aponta diferentes áreas de atuação da LA e demonstra como essa área de conhecimento tem se desenvolvido no decorrer da história. A LA, de acordo com Soares (2008), tem muito a oferecer no que tange: ao discurso e interações construídos em contextos profissionais, aos estudos no campo jurídico, ao uso da linguagem forense, ao direito de línguas de grupos minoritários, dentre outros. A amplitude de atuação do linguista aplicado advém do fato de a linguagem permear todos os setores das relações humanas e, pelo mesmo motivo, a LA acaba sendo uma área de caráter transdisciplinar, autônoma e com uma identidade definida.

Moita Lopes (2006) propõe uma (re)definição da LA. De acordo com esse autor, a LA se configuraria como um espaço de desaprendizagem, que deve se engajar com as questões relativas ao mundo contemporâneo. Discorreremos, na seção seguinte, brevemente, sobre esse aspecto e algumas outras definições da LA no período mais recente.

2.1. A LA no século XXI

Segundo Moita Lopes (2006), no século XXI, as áreas fronteiriças da LA foram se tornando cada vez mais tênues e a LA começou a se constituir cada vez mais como um espaço de desaprendizagem, assumindo um caráter mais híbrido e mais fluido, que são características do novo milênio. Esse novo milênio é caracterizado por várias mudanças e transformações. Para Giddens (1992) apud Moita Lopes (2006), a era global aproxima as relações e os hemisférios cada vez mais. Com isso, transforma-se a linguagem em uso e a forma como as

pessoas se comunicam e criam identidades. Moita Lopes (2006) acredita que, ao mesmo tempo em que a globalização aproxima as pessoas, promove exclusões. Corre-se um risco de, ao invés de se criar um pensamento hegemônico, levar culturas e linguagens minoritárias à extinção.

No intuito de se compreenderem esses problemas, de acordo com Moita Lopes (2008), parece essencial que a LA se aproxime das áreas as quais têm como foco o social, o político e a história. Essa seria, para ele, a condição fundamental para a LA falar da vida contemporânea. O autor afirma que a contemporaneidade vive tempos de hibridismo e o mesmo vem ocorrendo com as Ciências Sociais e Humanas, visto que as fronteiras disciplinares são tênues e sutis.

De acordo com Menezes, Silva e Gomes (2009), a LA, atualmente, tem o seu objeto bem definido, visto que não há mais dúvidas de que “a linguagem como prática social” é o campo investigativo dessa área do conhecimento. Szundy e Nicolaídes (2013), a partir da análise das edições anteriores do CBLA, afirmam que, apesar de o ensino-aprendizagem de línguas terem um papel preponderante na LA brasileira, no IX CBLA, 54% dos trabalhos apresentados foi referente aos estudos sobre os usos situados da linguagem em diversas esferas sociais. Esse evento teve como objetivo discutir acerca da relação entre as pesquisas na área e os problemas sociais, convidando os pesquisadores a pensarem sobre o seu papel nos diferentes domínios discursivos da sociedade (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013). Leffa (2001) coaduna com essa ideia e ressalta o compromisso que os linguistas aplicados possuem com a sociedade. Já que o seu objeto de pesquisa é a linguagem em diversos contextos de uso social, tais pesquisadores são convidados a darem um retorno social.

Assim, a LIBRAS, por ser uma língua minoritária que obteve seu reconhecimento e status linguísticos recentemente por meio do engajamento da minoria Surda, é um campo de estudos da LA. Tratar do seu uso no Brasil é também uma questão social e política. A partir da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, essa língua requer estudos que deem visibilidade aos aspectos formais das línguas sinalizadas. Além disso, há uma demanda das comunidades surdas brasileiras pelo reconhecimento da língua e da cultura surda (GEDIEL, 2010). Para tanto, é preciso utilizar-se de uma LA engajada e comprometida com as demandas sociais para abarcar essa temática insurgente no mundo contemporâneo.

3. Metodologia

O presente trabalho fez uso de metodologia qualitativa, baseada em uma pesquisa bibliográfica e uma análise documental e de dados secundários, semelhante à publicada por

Menezes, Silva e Gomes (2009). Para tanto, foi realizada uma busca no *site* dos periódicos da CAPES, onde procuramos por revistas na área de LA. Optamos pelas revistas que tinham como foco e escopo a linguagem em diversos aspectos e, assim, foram mapeadas 46 revistas na área de Linguística Aplicada, quais sejam:

Quadro 1. Lista de revistas pesquisadas.

Revistas
Revista Brasileira de Linguística Aplicada
Revista Caminhos da Linguística Aplicada
Revista Horizontes de Linguística Aplicada
Trabalhos em Lingüística Aplicada
DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada
Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem
<i>Linguagem & Ensino</i>
<i>Revista de Estudos da Linguagem</i>
Revista Veredas
Revista Gatilho
Domínios da Linguagem
Revista Glauks
Revista Calidoscópico
Revista DLCV - Língua, Linguística & Literatura
Revista estudos semióticos e linguístico
Revista Fórum linguístico
Revista Letras de hoje
Revista Letras escreve
Revista Letras & Letras
<i>Revista Línguas e Instrumentos Lingüísticos</i>
Revista Mal-Estar e Sociedade
Revista Prolíngua
Revista eletrônica do Instituto de Humanidades
Revista escrita
Revista Letra Magna
Revista Letras
Revista virtual de estudos da linguagem
Revista Rumores- Revista Online de comunicação, linguagem, e mídias
Revista SIGNÓTICA
SOLETRAS revista
Revista texto digital
Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia
Revista Interações
Revista InterSaberes
Palimpsesto : Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
POLÊMICA : Revista Eletrônica
Revista da ANPOLL
Revista Textura
Cadernos de Letras
Revista Desenredo
Revista Fragmentum
Revista Linguagem-estudos e pesquisas
Revista Línguas & Letras
Revista Travessias
Revista L@el em discurso

Selecionamos as edições de 2009 a 2014, pois, neste trabalho, nos interessava pensar como a LIBRAS se localiza nos espaços de produções acadêmicas na área de LA. A escolha dos anos foi feita tendo por fundamento a suposição que as pesquisas com foco na LIBRAS começaram a ter mais expressão a partir do Decreto 5.626, que aconteceu em 2005.

As revistas acadêmicas foram agrupadas pelo período de um ano, pois não consideramos relevante o número de edições e volumes publicados por cada periódico no decorrer do ano, e sim, os resultados ao final desse. Ou seja, não ponderamos sobre a periodicidade das revistas acadêmicas, mas sim, em quantos artigos a temática LIBRAS foi publicada.

Os periódicos foram organizados em uma planilha, onde foi contabilizado o número de artigos produzidos em cada ano e realizado o somatório dos cinco anos. Em todas as revistas, foram adotados os mesmos procedimentos e, ao final, somaram-se todos os números publicados em todas as revistas, a fim de se quantificar o número de publicações nesse intervalo de tempo.

Posteriormente, realizamos a estratégia de leitura *Scanning*¹, para classificar em quais eixos temáticos os estudos se enquadravam e, assim, correlacioná-los com os temas dos grupos de trabalho do CBLA. Isso foi feito porque

a maturidade epistemológica da LA, bem como sua interface cada vez maior com as outras áreas do conhecimento para a compreensão da pluralidade dos usos sociais da linguagem, tem-se revelado nos diversos eventos da área especialmente no Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA) (SZUNDY; NICOLAIDES, 2013, p.24)

Assim, compreendemos o CBLA como um importante evento para a construção da agenda de pesquisa em LA no Brasil e como um espaço de construção da identidade do pesquisador. Portanto, escolhemos esse congresso para pensar quais são as direções futuras a serem tomadas pelos linguistas aplicados que estudam a LIBRAS.

4. Resultados

Nesta seção, discorreremos sobre os resultados, trazendo, primeiramente, uma tabela com os periódicos e as edições que contêm publicações sobre LIBRAS. Em seguida, fazemos uma análise dos resumos dos artigos selecionados e os classificamos de acordo com a área temática. Por último, comparamos as áreas temáticas aqui classificadas e os temas dos Grupos de

¹ *Scanning* é uma estratégia de leitura que se caracteriza pela leitura rápida, para achar uma informação específica. (MENEZES; SILVA; GOMES, 2009, p.13)

Trabalho (GTs) do CBLA ocorrido em 2013, a fim de percebermos se há ou não uma paridade entre os artigos e essas áreas temáticas.

4.1 Revistas em LA e a LIBRAS

A Tabela 1 apresenta as revistas selecionadas no portal de periódicos da CAPES. Foram contabilizadas 46 revistas de circulação nacional, das quais totalizaram 70 artigos publicados entre os anos de 2009 a 2014. De acordo com a Tabela 1, é possível perceber que os três últimos anos foram os que mais produziram artigos na área de LIBRAS, enquanto os três primeiros anos produziram uma média de 3.3 artigos por ano.

Tabela 1. Periódicos Nacionais.

Revistas	2009	2010	2011	2012	2013	2014	total
Revista Brasileira de Linguística Aplicada	0	0	0	0	0	17	17
Revista Caminhos da Linguística Aplicada	0	0	0	0	0	1	1
Revista Horizontes de Linguística Aplicada	1	0	0	0	0	0	1
Trabalhos em Linguística Aplicada	1	0	0	0	0	0	1
DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada		0	0	0	0	1	1
Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Língua	0	0	0	0	1	0	1
Linguagem & Ensino	0	0	0	0	0	0	0
Revista de Estudos da Linguagem	1	0	0	0	1	0	1
Revista Veredas	0	0	1	0	0	3	4
Revista Gatilho	0	0	0	0	0	0	0
Domínios da Linguagem	0	1	0	0	0	0	1
Revista Glauks		0	0	0	0	0	0
Revista Calidoscópio	0	0	0	1	0	0	1
Revista DLCV - Língua, Linguística & Literatura		0	0	0	0	1	1
Revista estudos semióticos e linguístico	0	1	0	0	0	0	1
Revista Fórum linguístico	0	0	0	1	1	0	2
Revista Letras de hoje	0	0	0	0	3	0	3
Revista Letras escreve	0	0	0	0	0	0	0
Revista Letras & Letras	0	0	0	0	0	2	2
Revista Línguas e Instrumentos Lingüísticos	0	0	0	0	0	0	0
Revista Mal-Estar e Sociedade	0	0	0	0	0	0	0
Revista Prolingua	0	0	0	0	0	0	0
Revista eletrônica do Instituto de Humanidades	0	0	0	0	0	0	0
Revista escrita	0	0	0	0	1	0	1
Revista Letra Magna	0	0	0	0	0	0	0
Revista Letras	0	0	0	0	0	0	0
Revista virtual de estudos da linguagem	0	0	1	16	0	0	17
Revista Rumores. Revista Online de comunicação, linguagem, e mídias	0	0	0	1	0	0	1
Revista SIGNÓTICA	0	0	0	0	0	0	0
SOLETRAS revista	0	0	0	0	0	0	0
Revista texto digital	0	0	0	0	0	0	0
Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	0	0	0	0	0	2	2
Revista Interacções	0	0	0	0	0	2	2
Revista InterSaberes	0	0	0	0	0	0	0
Palimpsesto : Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras	0	0	0	0	0	0	0
POLÊMICA : Revista Eletrônica	0	0	0	0	0	0	0
Revista da ANPOLL	0	0	0	0	0	0	0
Revista Textura	0	0	0	1	1	0	2
Cadernos de Letras	0	0	0	0	0	0	0
Revista Desenredo	0	0	0	0	0	0	0
Revista Fragmentum	0	0	0	0	0	0	0
Revista Linguagem-estudos e pesquisas	0	0	1	0	0	0	0
Revista Línguas & Letras	0	0	2	0	0	2	4
Revista Travessias	0	0	0	0	0	1	1
Revista L@el em discurso	0	0	0	0	0	1	1
total	3	2	5	20	8	32	70

A Revista Brasileira de Linguística Aplicada, a Revista Virtual de Estudos Linguísticos, a Revista Veredas e a Revista Línguas e Letras foram as que mais produziram artigos sobre LIBRAS nos últimos cinco anos, como se pode observar na Tabela 1. Ressalta-se, ainda, que a Revista Brasileira de Linguística Aplicada, no ano de 2014, teve um volume destinado a estudos

da LIBRAS na área de LA. Assim como essa, a Revista Virtual de Estudos da Linguagem publicou um volume, cuja temática foi “Língua de Sinais: cenário de práticas e fundamentos teóricos sobre a linguagem”.

Acreditamos que o fato de haver duas edições destinadas à divulgação de pesquisas relacionadas a LIBRAS demonstra uma ascensão desse campo de pesquisa no Brasil. Além disso, com o Decreto 5.626, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a LIBRAS ganhou espaço na academia e as instituições de ensino começaram a contratar professores, o que fez aumentar o número de pesquisas na área.

Por meio da leitura dos resumos dos artigos, percebemos que as produções acerca da LIBRAS, nos últimos cinco anos, têm se concentrado nos seguintes eixos temáticos:

- (1) Análise do Discurso;
- (2) produção textual em LIBRAS;
- (3) letramento do surdo;
- (4) variações linguísticas em Língua de Sinais;
- (5) ensino e aprendizagem de línguas para surdos;
- (6) bilinguismo e aspectos bimodais;
- (7) uso de tecnologias e mídias digitais para ensino de português/LIBRAS;
- (8) aquisição da linguagem;
- (9) tradução/interpretação;
- (9) formação de professores letras/LIBRAS;
- (10) análise de livros e materiais didáticos para ensino de LIBRAS;
- (11) interação em contextos sociais;
- (12) produção lexical e aspectos morfosintáticos da LIBRAS;
- (13) políticas linguísticas educacionais para surdos;
- (13) fonologia;
- (14) morfologia;
- (15) elementos dêiticos da língua de sinais;
- (16) empréstimos linguísticos do Português à LIBRAS;
- (17) sociolinguística.

Verifica-se, portanto, uma variedade temática presente nos artigos nos últimos anos.

No último CBLA, realizado em 2013, no Rio de Janeiro, as apresentações de trabalho tiveram as seguintes linhas temáticas²:

- (1) Análise da Conversa;
- (2) Análise do Discurso e Pragmática;
- (3) Aquisição de Linguagem;
- (4) Autonomia na Aprendizagem de Línguas;
- (5) Crenças em Ensino e Aprendizagem de Línguas;
- (6) Ensino de Línguas para Fins Específicos;
- (7) Ensino e Aprendizagem de Língua Materna;
- (8) Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais;
- (9) Estudos de Narrativas;
- (10) Formação de Professores;
- (11) Gêneros Textuais;
- (12) Letramentos;
- (13) Linguagem e Identidade;
- (14) Linguagem e Literatura;
- (15) Linguagem e Mídia;
- (16) Linguagem e Tecnologia;
- (17) Linguagem e Trabalho;
- (18) Linguagem em Contexto de Necessidades Especiais;
- (19) Línguas Minoritárias;
- (20) Material Didático;
- (21) Multilinguismo e Multiculturalismo;
- (22) Multimodalidade no Texto e no Discurso;
- (23) Políticas Linguísticas;
- (24) Sociolinguística;
- (25) Tradução.

Nesse último congresso, houve apenas um resumo que abarcava a LIBRAS; este se enquadrava na seção Temática de Tradução.

² Informações retiradas do site: <http://www.alab.org.br/eventosalab/evento/?id=39>

Por meio da comparação entre as publicações em periódicos e os eixos temáticos do CBLA, observamos as seguintes temáticas em comum: Análise do Discurso e Pragmática; Ensino e Aprendizagem de Língua Materna; Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais; Formação de Professores; Letramentos; Linguagem e Tecnologia; Material Didático; Políticas Linguísticas; Sociolinguística; Tradução. Assim, nota-se que existem dez temáticas semelhantes entre as revistas e os temas do CBLA, verifica-se que a LIBRAS está se consolidando como um campo vasto para pesquisas na área de LA.

Pesquisadores têm se debruçado na investigação da LIBRAS e seu uso em diversos contextos de práticas sociais. Apesar da diversidade de produções nos últimos cinco anos, consideramos que ainda há temáticas a serem contempladas. Ao estabelecermos uma correlação entre os grupos de trabalho do CBLA e os periódicos, percebemos que ainda faltam pesquisas cujas temáticas sejam: Análise da Conversa; Aquisição de Linguagem; Autonomia na Aprendizagem de Línguas; Crenças em Ensino e Aprendizagem de Línguas; Ensino de Línguas para Fins Específicos; Estudos de Narrativas; Gêneros Textuais; Linguagem e Identidade; Linguagem e Literatura; Linguagem e Mídia; Linguagem e Trabalho; Linguagem em Contexto de Necessidades Especiais; Línguas Minoritárias; Multilinguismo e Multiculturalismo; Multimodalidade no Texto e no Discurso. Na pesquisa desenvolvida percebemos que há quinze temáticas as quais, ainda, não foram abarcadas pelos periódicos pesquisados, no período de 2009 a 2014.

Menezes, Silva e Gomes (2009, p.12) argumentam que a “LA é um sistema aberto e, de suas interações com os problemas de linguagem no mundo real e com outros campos de saber, nascem inúmeras possibilidades de estudos”. Concordamos os autores e, acreditamos que o aumento das produções acadêmicas na área de LIBRAS tem relação com as demandas crescentes das comunidades surdas acerca do seu reconhecimento enquanto minoria étnico-linguística. Como resultado disso, já houve a criação da 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua oficial do Brasil. O Decreto de nº 5.626 oficializa a Lei nº 10.423, instituindo a LIBRAS como disciplina obrigatória para os cursos de Fonoaudiologia, Letras e licenciaturas em geral. Compreendemos que o Decreto de nº 5.626 e a Lei nº 10.423 de 2002 trouxeram impactos positivos tanto para as pesquisas como para a LA no Brasil, sendo esta uma área aberta para as demandas contemporâneas.

4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo identificar trabalhos sobre LIBRAS já produzidos nos principais periódicos brasileiros em LA. Para tanto, fez-se uma pesquisa de cunho qualitativo, baseada em levantamento bibliográfico e análise documental e de dados secundários. No decorrer do artigo, discutimos brevemente a história e consolidação da LA no Brasil para podermos compreender o campo da LA no mundo contemporâneo. Por meio da análise dos periódicos, vimos que houve um número significativo de produções nos últimos cinco anos e que os últimos três anos tiveram a maior quantidade de artigos publicados sobre esse assunto. Além disso, houve duas revistas que dedicaram um número a publicações cuja temática era LIBRAS.

Através da leitura dos resumos, percebemos a LIBRAS como um campo vasto, o qual tem produzido trabalhos em diversos eixos temáticos e a maioria desses coaduna com os grupos de trabalho do CBLA. Entretanto, ainda existem desafios a serem enfrentados para os próximos anos e pesquisas ainda não realizadas. Apontamos a necessidade de pesquisas na área de: Análise da Conversa; Aquisição de Linguagem; Autonomia na Aprendizagem de Línguas; Crenças em Ensino e Aprendizagem de Línguas; Ensino de Línguas para Fins Específicos; Estudos de Narrativas; Gêneros Textuais; Linguagem e Identidade; Linguagem e Literatura; Linguagem e Mídia; Linguagem e Trabalho; Linguagem em Contexto de Necessidades Especiais; Línguas Minoritárias; Multilinguismo e Multiculturalismo; Multimodalidade no Texto e no Discurso.

A LA, como um campo aberto às questões da atualidade, tem se preocupado também em investigar a LIBRAS. Atribuímos esse fato ao reconhecimento da LIBRAS como segunda língua oficial do Brasil e à implementação desta como disciplina obrigatória para os cursos de Fonoaudiologia, Letras e outras licenciaturas. Ademais, mesmo que, no presente artigo, tenham sido dadas algumas diretrizes para as pesquisas cuja temática seja LIBRAS no campo da LA, reconhecemos a necessidade de se fazerem pesquisas abarcando um período amostral maior de periódicos e ainda sugerimos a busca no banco de teses da CAPES, no intuito de se investigar como a Língua de Sinais tem sido abordada pelos programas de pós-graduação no Brasil.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei N.º 10.436**, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5626** de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos.

CAVALCANTI, M.; SILVA, I. R. “Já que ele não fala, podia ao menos escrever...” O grafocentrismo naturalizado que insiste em normatizar o surdo. In: Kleiman, A.B.; Cavalcanti, M.C. (Org). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CELANI, M. A. A. Afinal o que é linguística aplicada? In: M.S.Z.P; M.A.A.Celani (Org.). **Linguística Aplicada: da aplicação de linguística à linguística transdisciplinar**. São Paulo: Educ, 1992, p.15-23.

DINIZ, Débora. **Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19(1):175-181, jan-fev, 2003.

GEDIEL, A. L. **Falar com as Mãos e Ouvir com os Olhos? A corporificação dos Sinais e os significados dos corpos para os Surdos de Porto Alegre**. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo : Parábola Editorial, 2009.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

LEFFA, V. J. A linguística aplicada e o seu compromisso com a sociedade. Trabalho apresentado no **VI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização de constructos que tem orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

SANTOS, B. S. **Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mimeo, 2004.

SOARES, D. A. Introdução a linguística aplicada e sua utilidade para a pesquisa em sala de aula de língua estrangeira. Trabalho apresentado no **I Simpósio de Estudos Filológicos e Lingüísticos**, promovido pelo CiFEFiL e realizado na FFP(UERJ), de 3 a 7 de março de 2008.

SZUNDY, P. T. C.; NICOLAIDES, C. S. A “Ensinação” de línguas no Brasil sob a perspectiva da linguística aplicada: um paralelo com a história da ALAB. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIN, M. A.; CARVALHO, A. M. (orgs). **Linguística Aplicada e ensino: Língua e literatura**. Campinas: Pontes, 2013.

Artigo recebido em: 21.10.2015

Artigo aprovado em: 13.04.2016